Cartas Entre Herbert Marcuse e Martin Heidegger

Introdução de Richard Wolin(1)

A História completa da relação entre Marcuse e Heidegger ainda está por ser escrita.
Sabemos que durante os quatro anos em que Marcuse esteve em Freiburg estudando com Heidegger, seu entusiasmo pela filosofia deste era ilimitado. Ou, como o próprio Marcuse diria em retrospecto: "Devo admitir francamente que, durante esse tempo, digamos, de 1928 a 1932, havia relativamente poucas reservas e críticas de minha parte."(2)

Os primeiros ensaios de Marcuse, "Contribuições para uma fenomenologia do Materialismo Histórico", "Sobre filosofia concreta", "Os fundamentos do Materialismo Histórico", " Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho na economia" e "Sobre o problema da dialética", surgiram neste período e tentam efetivar uma síntese entre Marxismo e existencialismo.(3) Sem dúvida, a síntese busca por Marcuse assemelha-se ao trabalho filosófico empreendido pelo último Sartre da Crítica da razão dialética e de outras obras. Apesar disso, enquanto Marcuse passava do Marxismo para o existencialismo, o desenvolvimento intelectual de Sartre seguia trajetória inversa. Entretanto, por meio da integração do marxismo e do existencialismo, os dois pensadores perseguiam um fim comum: eles reconheceram que a crise do pensamento - e da prática - marxista foi em grande parte precipitada por sua incapacidade de conceituar o problema do "indivíduo". Assim, nas doutrinas do marxismo ortodoxo, o ponto de vista do indivíduo ameaçava sucumbir sob o peso de condições e determinantes históricos objetivos. Para Sartre, escrever, no despertar do stalinismo e da invasão soviética na Hungria, uma "crítica da razão dialética", no sentido kantiano de estabelecer limites ou fronteiras transcendentais, tornara-se uma tarefa histórica premente. As tentativas de Marcuse de integrar essas duas tradições, que, no final das contas, ele consideraria frustradas, pareciam antecipar muitos dos problemas históricos do marxismo, os quais iriam motivar posteriores explorações filosóficas de Sartre sobre esses temas.

Uma descrição mais detalhada do que Marcuse viu de tão promissor no existencialismo de Heidegger foi feita em outro trabalho(4). Quaisquer que tenham sido, porém, as razões conceituais mais profundas do colapso do projeto de Marcuse de um "marxismo existencialista", a mais imediata pareceu originar-se de circunstâncias históricas objetivas: a ascensão de Hitler ao poder, em 30 de janeiro de 1933, seguida da efusiva manifestação de apoio de Heidegger ao regime, quatro meses depois(5). Em retrospecto, Marcuse reafirma que, durante sua estada em Freiburg, jamais teve a mais remota suspeita de que Heidegger nutrisse, secretamente, sentimentos pró-nazistas. Portanto, a "conversão" do filósofo à causa nacional-socialista, na primavera de 1933, provocou-lhe, e a muitos outros, enorme surpresa. Todavia, Marcuse passa a admitir que poderia ter-se poupado desse choque se tivesse prestado um pouco mais de atenção ao significado político latente de Ser e Tempo e de outros trabalhos:
"Agora, por experiência pessoal, posso dizer que, em suas palestras, seminários ou nos contatos pessoais, não havia qualquer sinal de sua (de Heidegger) simpatia pelo nazismo... Portanto, seu nazismo publicamente assumido causou-nos enorme surpresa. É claro que, a partir de então, perguntamo-nos se havíamos ignorado indícios e antecipações em Ser e Tempo e escritos afins. E fizemos uma observação interessante, ex-post (e quero enfatizar que ex-post é fácil fazê-la.). Se examinarmos a visão que ele tinha da existência humana, do Ser-no-mundo, encontraremos uma interpretação altamente repressiva e opressora. Ainda hoje examinei novamente o índice de Ser e Tempo e dei uma olhada nas principais categorias em que ele vê as características essenciais da existência ou Dasein.

Uma rápida leitura demonstra o que quero dizer: "Conversa inútil, curiosidade, ambiguidade, sucumbindo e sendo-atirado, preocupação, o Ser-diante-da-morte, ansiedade, medo, tédio" e assim por diante. Isso retraía bem, hoje, os medos e frustrações de homens e mulheres numa sociedade repressiva, uma existência sem alegria, obscurecida pela morte e pela ansiedade; material humano para a personalidade autoritária.(6)

Apesar disso, em nossa citação inicial do artigo de 1934, "A Luta contra o Liberalismo no Estado Totalitário", Marcuse expressa uma percepção um pouco diferente, a de que, em sua militância em favor do regime nazista, a Existen T. philosophie não atinge muito sua "verdade íntima"; pelo contrário, engaja-se numa "negação radical de suas próprias origens", ou seja, sua pretensão de ser a herdeira legítima da tradição filosófica ocidental.

A troca de cartas entre Marcuse e Heidegger, de 1947 a 1948, mostra o primeiro envolvido num dilema aparentemente inexplicável: como Heidegger, que pretendia ser o herdeiro filosófico do legado da filosofia ocidental, poderia colocar seu pensamento a serviço de um movimento político que personificava a negação absoluta de tudo o que aquele legado representava? Ademais, como se percebe nas próprias cartas, Marcuse ligava-se a Heidegger não apenas por um vínculo intelectual, mas também pessoal: ele o admirava como pensador e como o professor que mais influenciara seu desenvolvimento intelectual. Essa ligação continuou forte o bastante para motivá-lo a visitar Heidegger em sua casa de montanha em Todtnauberg, no início de 1947. Além disso, vemos que, ignorando o conselho de seus companheiros judeus alemães emigrados (provavelmente os outros membros do Instituto de Pesquisa Social), e mesmo após a decepcionante discussão com Heidegger em Todtnauberg - a exemplo do poeta Paul Celan (vejam seu poema "Todtnauberg"), Marcuse também viajou até o abrigo de Heidegger na Floresta Negra, à procura de uma "única palavra" de arrependimento, que o filósofo se recusou a dizer -, ele continuou a mandar a Heidegger um "pacote-auxílio"(7), numa época em que as condições de vida na Alemanha permaneciam precárias, fazendo tudo isso pelo muito que ainda devia ao "homem com quem aprendi filosofia de 1928 a 1932".

Conforme Marcuse menciona em sua entrevista de 1974, após essa troca de cartas não houve qualquer comunicação entre os dois. Mesmo assim, se alguém examina "O Homem Unidimensional", encontra Marcuse citando os argumentos de Heidegger de "A Questão da Tecnologia", para sustentar sua crítica da razão instrumental ("O homem moderno considera todo o Ser como matéria-prima para produção e sujeita todo o mundo-objeto ao fluxo e ordem da produção [Herstellen]")(8).

Voltemo-nos agora para a carta de Heidegger, de 20 de janeiro de 1948: pode-se identificar a série familiar de racionalizações, meias-verdades e inverdades recentemente expostas nos livros de Victor Farias e Hugo Ott(9). Também é possível encontrar o recurso a uma estratégia de negação e relativização que se tornaria lugar-comum na República Federal, durante o "período de latência" dos anos Adenauer: a afirmação de que o mundo se comporta de maneira dúbia ao condenar os crimes de guerra alemães, uma vez que os dos aliados foram igualmente horríveis (Dresden, a expulsão dos alemães residentes nos "territórios orientais", etc.). Em seu favor, aqui Marcuse se recusa a permitir que o "filósofo do Ser" tenha a última palavra.

CARTA DE MARCUSE A HEIDEGGER, EM 28 DE ACOSTO DE 1947

Prezado Heidegger,

Pensei bastante sobre o que você me falou quando o visitei em Todtnauberg e gostaria de escrever-lhe francamente sobre o assunto.
Você me disse que se havia desligado do regime nazista em 1934 e que era vigiado pela Gestapo. Não duvido de sua palavra. Mas o fato é que em 1933 você se identificou tanto com o regime, que hoje muitos o vêem como um de seus maiores proponentes intelectuais. Provam-no seus discursos, escritos e tratados desse período. Você nunca os desmentiu publicamente, nem mesmo após 1945. Nunca explicou publicamente que chegou a conclusões diferentes das expressas em 1933 e 34 e das articuladas em seus escritos. Você permaneceu na Alemanha após 1934, embora pudesse ter ocupado um cargo em qualquer lugar no exterior. Você jamais denunciou publicamente quaisquer ações ou ideologias do regime. Devido a essas circunstâncias, você é ainda hoje associado ao regime nazista. Muitos de nós esperaram, durante muito tempo, por uma declaração sua, que o libertaria clara e finalmente dessa associação, uma declaração que expressasse com sinceridade sua atitude atual quanto aos acontecimentos passados. Mas você nunca pronunciou tal declaração - pelo menos, ela nunca foi além da esfera privada.

Eu e muitos outros o admiramos como filósofo, de quem aprendemos infinitamente. Porém, não podemos separar o filósofo do homem, porque isso contradiz sua própria filosofia. Um filósofo pode enganar-se com assuntos políticos, caso em que ele reconhecerá seu erro abertamente. Mas ele não pode se enganar com um regime que matou milhões de judeus, meramente por serem judeus, que fez do terror um fenômeno cotidiano e que tomou por seu inimigo mortal tudo o que se refere às idéias de espirito, liberdade e verdade. Um regime que, em todos os aspectos imagináveis, era a caricatura mortal da tradição ocidental, que você explicou e justificou com tanto esforço. E se esse regime não fosse a caricatura daquela tradição, mas seu clímax, nem assim poderia haver engano, pois então você teria que acusar e repudiar toda essa tradição.

E realmente dessa maneira que você gostaria de ser lembrado na história das idéias? Toda tentativa de combate a esse imenso mal-entendido sucumbe diante da resistência geral em levar a sério um ideólogo nazista. O senso comum (também entre intelectuais), que dá testemunho dessa resistência, recusa-se, com razão, a aceitá-lo como filósofo, porque filosofia e nazismo são incompatíveis. Mais uma vez, você (e nós) só pode combater a identificação de sua pessoa e de seu trabalho com o nazismo (e, consequentemente, a dissolução de sua filosofia) se fizer o reconhecimento público de sua mudança de opinião.

Enviar-lhe-ei um pacote nesta semana. Meus amigos me reprovaram duramente por isso, acusando-me de ajudar um homem ligado a um regime que mandou milhões de correligionários meus para as câmaras de gás (para evitar mal entendidos, gostaria de esclarecer que eu era antinazista não apenas por ser judeu, mas o era e seria desde sempre por razões políticas, sociais e intelectuais, mesmo se eu fora "100% ariano"). Nada pode contrariar esse argumento. Desculpo-me perante minha consciência, dizendo estar ajudando um homem que me ensinou filosofia de 1928 a 1932. Sei perfeitamente que essa desculpa é fraca. O filósofo de 1933-34 não pode ser completamente diferente do de antes de 1933; pelo menos, na medida em que você manifestou e fundamentou sua justificação entusiasmada do nazismo em termos filosóficos.

4609 Chevy Chase Blvd.
Washington 15, D. C.

Marcuse

CARTA DE HEIDEGGER A MARCUSE, EM 20 DE JANEIRO DE 1948

Prezado Marcuse,

Recebi o pacote mencionado em sua carta de 28 de agosto. Acredito estar agindo de acordo com sua vontade e de forma a tranqüilizar seus amigos, ao doar seu conteúdo para distribuição entre ex-alunos, os quais nunca foram do Partido ou tiveram qualquer ligação com o nacional-socialismo. Agradeço-lhe pela ajuda também em nome deles.

Se posso inferir por sua carta que você está seriamente preocupado com (alcançar) um julgamento correio sobre meu trabalho e minha pessoa, sua carta demonstra o quão difícil é conversar com pessoas que não viveram na Alemanha desde 1933 e que julgam o início do movimento nacional-socialista a partir de seu final. Com relação aos principais pontos de sua carta, gostaria de dizer o seguinte:

l. Sobre 1933: Eu esperava do nacional-socialismo uma renovação espiritual da vida no seu todo, uma reconciliação de antagonismos sociais e uma libertação doDasein ocidental dos perigos do comunismo. Tais convicções foram expressas em meu "Discurso de Reitor" (você o leu no seu todo?), numa palestra sobre "A Essência da Ciência" e em dois discursos para estudantes da Universidade [Freiburg]. Houve também um panfleto eleitoral de aproximadamente 25 a 30 linhas, publicado no jornal universitário [Freiburg]. Hoje considero enganosas algumas afirmações [Entgleisung].

2. Em 1934, reconheci meu erro político e renunciei ao cargo de reitor, em protesto contra o Estado e o Partido. O fato de 1°) [as atividades partidárias de Heidegger] ser explorado com propósitos propagandistas, aqui e no exterior, e 2°) [sua renúncia] ser abafado pelas mesmas razões escapou à minha atenção e não pode servir de acusação contra mim.

3. Você está absolutamente correio sobre eu ter falhado ao não me retratar pública e claramente. Isso teria sido fatal para mim e minha família. Sobre o assunto, Jaspers disse que o fato de permanecermos vivos é nossa culpa.

4. Em minhas palestras e cursos de 1933 a 1944, posicionei-me de maneira tão clara que nenhum de meus alunos se tornou vítima da ideologia nazista. Meus trabalhos desse período, caso apareçam algum dia, o comprovarão.

5. Uma declaração após 1945 me era impossível: os defensores do nazismo anunciaram sua mudança de credo da maneira mais asquerosa; entretanto, nunca tive nada em comum com eles.

6. Às suas sérias e procedentes acusações "sobre um regime que matou milhões de judeus, que fez do terror um fenômeno cotidiano e que tomou por seu inimigo mortal tudo o que se refere às idéias de espírito, liberdade e verdade", posso apenas acrescentar que, se em vez de "judeus", você tivesse escrito "alemães orientais" (isto é, alemães dos territórios orientais), o mesmo se aplicaria a um dos aliados, com a diferença de que tudo o que ocorreu desde 1945 tornou-se público, enquanto o terror sanguinário dos nazistas foi, na verdade, ocultado do povo alemão.

Martin Heidegger

CARTA DE MARCUSE A HEIDEGGER, EM 12 DE MAIO DE 1948

Prezado Heidegger,

Por muito tempo hesitei em responder a sua carta de 20 de janeiro. Você tem razão: é realmente difícil conversar com pessoas que não estiveram na Alemanha desde 1933. Mas não creio que a causa disso seja nossa falta de familiaridade com a situação alemã sob o nazismo. Estávamos bem conscientes dessa situação, talvez até mais do que as pessoas que estavam na Alemanha. O contato direto que mantive com muitas dessas pessoas em 1947 convenceu-me disso. Tal dificuldade também não pode ser resolvida pelo fato de julgarmos "o início do movimento nacional-socialista a partir de seu final".

Sabíamos, o que também percebi, que o início prenunciava o fim. Parece-me que a dificuldade de diálogo pode ser atribuída mais ao fato de que as pessoas, na Alemanha, estavam sujeitas a uma total perversão de conceitos e sentimentos, o que muitos aceitaram demasiadamente rápido. Caso contrário, seria impossível explicar que um homem como você, capaz de entender a filosofia ocidental como nenhum outro, tenha podido ver no nazismo "uma renovação espiritual da vida no seu todo", uma "libertação do Dasein ocidental dos perigos do comunismo" (que, no entanto, é um componente essencial desse Dasein'.). Esse não é um problema político, mas intelectual - estou tentado a dizer: um problema de conhecimento, de verdade. Você, o filósofo, confundiu a destruição do Dasein ocidental com sua renovação? Essa destruição já não estava evidente em cada palavra dos "dirigentes", em cada gesto e feito da SÁ, muito antes de 1933?
De qualquer modo, gostaria de tratar apenas de uma parte de sua carta; senão, meu silêncio poderia ser interpretado como cumplicidade.

Você escreveu que tudo o que eu disse sobre a exterminação dos judeus também se aplicaria aos aliados, caso se dissesse "alemães orientais" em vez de "judeus". Com tal afirmação, você não se coloca fora da dimensão em que o diálogo entre os homens é ao menos possível - fora do Logos Porque somente fora da dimensão da lógica é possível explicar, relativizar [auszugleichen], "compreender" um crime, dizendo que outros teriam feito a mesma coisa. E mais: como é possível comparar a tortura, a mutilação e a aniquilação de milhões de pessoas com a relocação forçada de grupos populacionais que não sofreram nenhum desses abusos (a não ser em algumas situações excepcionais)? Numa perspectiva contemporânea, parece já haver uma clara distinção entre a humanidade e a desumanidade dos campos de concentração nazistas e das deportações e prisões dos anos pós-guerra. Com base no seu argumento, se os aliados tivessem reservado Auschwitz e Buchenwaid - e tudo o que aconteceu lá - para os "alemães orientais" e os nazistas, então tudo estaria certo! Se, por outro lado, a diferença entre desumanidade e humanidade for reduzida a esse cálculo errôneo, isso se torna a culpa histórica mundial do sistema nazista, que demonstrou ao mundo, após mais de 2.000 anos de Dasein ocidental, o que os homens podem fazer aos seus semelhantes. É como se a semente caísse em solo fértil e talvez ainda estejamos vivenciando a continuação do que começou em 1933. Se você ainda consideraria isso uma "renovação", não posso dizer com certeza.

4609 Chevy Chase Blvd.
Washington 15, D. C.

Marcuse
(tradução de Beatriz Lucca)

CARTA DE KARL JASPERS À COMISSÃO DE DESNAZIFICAÇÂO DA UNIVERSIDADE DE FREIBURG

Introdução de Richard Wolin

Em 1920, Heidegger e Jaspers (1883-1969) tornaram-se amigos. Jaspers percebeu que encontrara em Heidegger um espírito filosófico com o qual verdadeiramente se identificava. Ou, como descreve em sua Autobiografia Filosófica (Munique, Piper, 1977, p.92 e seguintes) seu contato inicial com Heidegger: "Dificilmente se pode imaginar a satisfação que senti em poder conversar seriamente com pelo menos um membro da comunidade filosófica". Os dois uniram-se em seu desprezo comum pela filosofia acadêmica tradicional ("ambos sentimos que era nossa tarefa [promover] uma renovação não da filosofia em si, mas do tipo de filosofia então dominante nas universidades") e em sua profunda admiração pela filosofia de Kierkegaard, cuja obra se tornara um rito de passagem para quase todas as Existenzphilosophie do século XX, inclusive a de Sartre(10). Embora Jaspers houvesse sido inicialmente atraído pelo génio inconfundível de Heidegger, as relações entre eles, desde o princípio, não transcorreram sem dificuldades. Heidegger parecia ser temperamental e, por natureza, inclinado ao silêncio. O primeiro mal-entendido de verdade entre eles foi provocado por uma crítica longa e impiedosa que Heidegger escreveu em 1921 sobre uma obra de Jaspers de 1919, A Psicologia das Visões de Mundo, crítica essa que Heidegger só publicaria 45 anos mais tarde em Wegmarken. Jaspers achou-a "improcedente" e improdutiva. Para Jaspers, é provável que Heidegger estivesse desapontado com o fracasso dele, Jaspers, em seguir o percurso filosófico delineado por seu colega mais jovem.

Jaspers, por sua vez, admite ter reagido um tanto friamente à grande obra de Heidegger de 1927, Ser e Tempo. Em 1922, Heidegger entregou a Jaspers algumas páginas de uma obra em andamento para que ele as lesse. Jaspers achou-as "incompreensíveis", principalmente, parece, devido à excessiva confiança de Heidegger em neologismos. Quando o livro finalmente apareceu, projetando Heidegger para a fama internacional, Jaspers demonstrou pouco interesse. Achou-o "improfícuo" (unergiebig), apesar do "brilho de uma análise vigorosa" (Autobiografia Filosófica, p.98).

No entanto, como se pode suspeitar, o verdadeiro desentendimento entre ambos ocorreu em 1933, em razão do ativismo político de Heidegger. Logo após ter sido elevado ao cargo de reitor em Freiburg em maio de 1933, Heidegger viajou para Heideiberg, onde Jaspers lecionava, para dar uma conferência. Segundo Jaspers, enquanto a "forma" do discurso era "magistral", seu conteúdo consistia em um apelo típico para uma renovação do sistema universitário alemão conforme as linhas do nacional-socialismo. Além disso, Heidegger chegou mesmo a declarar que os professores atuantes, em sua maioria, não estavam à altura da missão que tinham diante de si, e que, em um período de dez anos, seriam substituídos por uma nova geração de docentes politicamente mais capacitados.

Durante esses meses cruciais de transição em que ocorreu a transformação da Alemanha de uma democracia em uma ditadura, os contatos entre os dois foram breves e embaraçosos. Jaspers refere-se a um desses encontros, no qual ele chamou a atenção de Heidegger para o problema dos judeus, tendo este afirmado sua crença em "uma perigosa aliança internacional de judeus". Em um tom veemente, Heidegger lamentou que houvesse, na Alemanha, professores de filosofia em excesso e disse que somente dois ou três deveriam ser mantidos. Para a pergunta de Jaspers, "quais, então?", Heidegger não ofereceu resposta. Finalmente, interrogado por seu anfitrião sobre como se poderia esperar que alguém tão pouco educado (ungebildet) como Hitler pudesse governar a Alemanha, Heidegger respondeu: "Não é uma questão de educação; olhe somente para as suas magníficas mãos!" (Autobiografia Filosófica, p.101).

A despeito da grande tensão no relacionamento entre eles em virtude do envolvimento de Heidegger com o nazismo, Jaspers, nos anos 50, iria descrever seus sentimentos para com Heidegger nos seguintes termos: "Entre os filósofos profissionais contemporâneos, Heidegger foi o único que me afetou de um modo essencial. Penso da mesma maneira hoje. Tenho boas relações com muitos outros, aprendo com eles e respeito suas realizações, sem, entretanto, que eles, como filósofos, tenham dito ou feito qualquer coisa que pertencesse ao ádito da filosofia.
Heidegger conseguiu investigar conjuntos de problemas que parecem ser os mais ocultos" (Autobiografia Filosófica, p.92).

A profunda ambivalência de Jaspers em relação a Heidegger, na qual admiração e reservas se manifestaram na mesma intensidade, transparece claramente na seguinte carta, escrita a pedido de um dos membros da comissão de desnazificação da universidade, o botânico Priedrich Oehlkers. Jaspers deve ter percebido qual era de fato a questão. Sua recomendação seria decisiva no que diz respeito ao principal dilema que se colocava de maneira altamente conflituosa para a comissão: conferir a Heidegger o título de professor emérito, por meio do qual ainda lhe seria permitido participar de atividades universitárias, ou bani-lo sumariamente da vida universitária por um período indeterminado de tempo (enquanto lhe seria oferecida uma pensão que lhe permitiria continuar a escrever). Dada a sua longa associação com Heidegger, certamente deve ter sido doloroso para Jaspers ter recomendado a segunda opção, embora seja um testemunho de sua honestidade o fato de ele ter explicitamente permitido que Heidegger fosse informado do conteúdo de sua avaliação. Finalmente, talvez seja interessante notar que a única manifestação de arrependimento por parte de Heidegger pelo seu comportamento desumano nos anos do nazismo se encontra em uma carta a Jaspers, datada de 20 de março de 1950. Nela, ele confessa não ter sido por causa da esposa de Jaspers, uma judia, que ele deixou de visita-lo mas, contrário, porque estava "simplesmente envergonhado"(0)

Heideiberg, 22 de dezembro de 1945.

Prezado Senhor Oehlkers.

Recebi hoje sua carta de 15 de dezembro. Estou contente com o fato de ter sido resolvida a questão relativa ao Sr. Gentner(11) . Nesse meio tempo, talvez ele lhe tenha mesmo feito a visita que estivera planejando fazer em seu retorno de uma viagem a Paris, da qual esperamos que ele chegue em breve.

Quero responder imediatamente à pergunta principal de sua carta. Em virtude de minha antiga amizade com Heidegger, é inevitável que eu toque em assuntos pessoais, não sendo capaz de esconder certa parcialidade em meus julgamentos. Você está certo ao caracterizar o caso como complicado. Como ocorre com tudo o que é complicado, aqui, também, deve-se esforçar por reduzir as coisas ao que é simples e decisivo, de modo a não se perder no labirinto das complicações. Espero que você não se importe se eu articular separadamente alguns dos pontos mais importantes:
1) A parte nossa amizade, eu esperava ser capaz de permanecer em silêncio. Esse tem sido meu pensamento desde 1933, quando, depois de minha terrível desilusão, resolvi ficar calado por lealdade às boas lembranças. Isso tornou-se fácil para mim, tanto porque na ocasião de nossa última conversa, em 1933, Heidegger não se manifestou ou foi impreciso a respeito de questões delicadas - especialmente a questão judaica -, como pelo fato de não nos termos visto, uma vez que ele não mais continuou suas visitas regulares, que vinham acontecendo por uma década. Finalmente, ele enviou-me suas publicações; depois de 1937-1938, ele não mais confirmou o recebimento das correspondências que eu lhe endereçara. Agora, mais do que nunca, eu esperava ser capaz de permanecer calado. Entretanto, o senhor pede-me para expressar minha opinião não apenas em caráter oficial, em nome do Sr. Von Dietze(12), mas também a pedido de Heiddeger. Isso me obriga a abrir o jogo.

2) Além do que é publicamente conhecido, estou ciente de vários fatos, dois dos quais acho importantes demais para serem ignorados.
Sob as ordens do regime nacional-socialista, Heidegger fez uma avaliação de [Eduard] Baumgarten (13) numa carta dirigida à Associação [nazista] de Docentes em Gõttingen, tendo eu deparado com uma cópia dela há muitos anos atrás. Nessa carta encontram-se as seguintes declarações: "Durante sua permanência aqui (em Freiburg), Baumgarten foi tudo, menos um nacional-socialista. Por seus antecedentes familiares e por sua orientação intelectual, o Dr. Baumgarten vem do círculo de intelectuais liberal-democráticos, que se formou em Heideiberg em torno de Max Weber. Depois de ver frustradas suas relações comigo, ele passou a conviver com o judeu Fraenkel, que lecionava em Gõttingen e foi recentemente despedido daqui [devido à legislação racial nazista, que baniu os judeus do serviço público]. Por intermédio de Fraenkel, ele conseguiu acomodações em Gõtingen. ... Naturalmente, o julgamento neste caso [Baumgarten] ainda não pode ser definitivo. Há ainda lugar para explicações da parte áele. É conveniente que ele se submeta a um estágio probatório antes que se possa admiti-lo no Partido Nacional Socialista". Hoje em dia nos acostumamos a abominações; se as levarmos em conta, talvez seja difícil compreender o horror que voltou então a se apossar de mim ao ler essas linhas. O assistente de Heidegger no Departamento de Filosofia, Dr. [Werner] Brock, era um judeu, fato que Heidegger desconhecia na época de sua nomeação. Brock foi obrigado a renunciar a seu cargo em decorrência de decretos nacional socialistas. Segundo informação que me foi dada de viva voz por Brock na época, o comportamento de Heidegger para com ele foi irrepreensível. Através de recomendações, Heidegger colaborou para que ele voltasse a residir na Inglaterra.

Nos anos 20, Heidegger não era um anti-semita. As observações completamente desnecessárias sobre o "judeu Fraenkel" demonstram que, em 1933, tomará-se um anti-semita, pelo menos em certos contextos. Quanto a essa questão, nem sempre foi discreto, o que não exclui a possibilidade de que em outros casos, como suponho, o anti-semitismo contrariasse sua consciência e noção do que seja adequado.

Heidegger possui uma notável capacidade, que se deve não ao conteúdo de uma visão-de-mundo filosófica, mas à manipulação de instrumentos especulativos. Sua aptidão para a filosofia toma-o capaz de percepções interessantes, embora, em minha opinião, ele não seja nada crítico e passe muito longe da verdadeira ciência [der eigentiichen Wissenschaft fern steht]. Muitas vezes ele age como se combinasse a seriedade do niilismo com a mistagogia de um mago. Na torrente de sua linguagem, é capaz de atingir, às vezes, de um modo furtivo e extraordinário, o cerne do pensamento filosófico. Ao que me consta, a esse respeito talvez ele não encontre paralelo entre os filósofos alemães contemporâneos.

Por esse motivo, espera-se e solicita-se urgentemente que ele permaneça em condição de trabalhar e escrever.
4) Hoje não se pode deixar de ter em mente nossa situação geral ao se tratar de casos individuais. Daí ser absolutamente necessário que aqueles que ajudaram a colocar o nacional-socialismo no poder sejam chamados a prestar contas. Heidegger está entre os poucos professores que atuaram nesse sentido.
O rigor em se demitirem de seus cargos inúmeros homens que, no fundo, não eram nacional-socialistas está hoje muito difundido. Se Heidegger fosse mantido sem restrições, o que diriam seus colegas que foram expulsos, enfrentaram tempos difíceis, e nunca agiram em benefício dos nacional-socialistas! Uma excepcional realização intelectual pode servir como justificativa para que se busque facilitar a continuação de tal trabalho, mas não para que se legitime a retomada de tarefas acadêmicas e burocráticas.

Em nossa situação, a educação da juventude precisa ser tratada com a maior responsabilidade. Completa liberdade para ensinar é um objetivo atraente, que não pode ser realizado imediatamente. A maneira de pensar de Heidegger, que em sua essência me parece contrafeita, ditatorial e incapaz de comunicação [communikationslos], seria hoje desastrosa em seus efeitos pedagógicos. Para mim a maneira de pensar é mais importante do que o conteúdo de juízos políticos, cujo caráter agressivo pode facilmente mudar de direção. Enquanto um autêntico renascimento, que fosse evidente em sua obra, não acontecer, um professor desse tipo não pode ser colocado, em minha opinião, diante da juventude de hoje, que, de um ponto de vista espiritual, é quase indefesa. Os jovens precisam primeiro atingir um ponto em que possam pensar por si mesmos.

5) Até certo ponto, aceito a desculpa de ordem pessoal de que Heidegger fosse apolítico, de acordo com sua natureza. O nacional-socialismo que ele abraçou tinha pouca coisa em comum com o nacional-socialismo real. A esse respeito, gostaria, sobretudo, de chamar a atenção para a observação que Max Weber fez em 1919: crianças que se apoderam do leme da História são esmagadas. Em segundo lugar, penso que Heidegger certamente não percebeu todos os reais poderes e objetivos dos líderes nacional-socialistas. O fato de que ele tenha acreditado que pudesse preservar uma livre manifestação da vontade o demonstra. Sua maneira de pensar e suas ações, porém, têm uma certa afinidade com aspectos do nacional-socialismo, o que torna seu erro compreensível. Ele, [Alfred] Bãumier e Cari Schmitt - os três muito diferentes entre si - são os professores que tentaram atingir uma posição de liderança intelectual sob o nacional-socialismo. Em vão. Eles utilizaram-se de capacidades intelectuais reais e, dessa forma, arruinaram a reputação da filosofia alemã. Um aspecto da natureza trágica do mal vem daí; nisso estou de acordo com você.

Mudar de convicção em razão de mudanças de direção no campo do nacional-socialismo é um fato que pode ser julgado de acordo com motivações que são em parte reveladas no momento específico. [Os anos] 1934, 1938 e 1941 significam etapas fundamentalmente diferentes.
Em minha opinião, para se fazer um julgamento, uma mudança de convicção quase não tem importância se ocorreu somente após 1941, e é de pouco valor se não aconteceu imediatamente depois de 30 de junho de 1934.

6) Em casos incomuns, regras incomuns entram em cena na justa medida em que o caso é verdadeiramente importante. Por esse motivo, minha proposta é:
a) Concessão de uma pensão individual a Heidegger, visando à continuação de seus trabalhos filosóficos e à publicação de sua obra, com base em suas reconhecidas realizações e na expectativa de que escritos importantes ainda estão por vir.
b) Suspensão das atividades de ensino por vários anos. Posteriormente, uma reavaliação baseada em publicações subsequentes e na situação acadêmica em curso. Nesse momento, poderá ser proposta a questão da conveniência de se restabelecer integralmente a antiga liberdade de ensino, caso em que convicções que se opõem perigosamente à idéia da Universidade podem vir a ter aceitação, se forem representadas por aqueles que são respeitados intelectualmente. Se seremos capazes de atingir esse ponto, isso dependerá do curso dos acontecimentos políticos e do grau de desenvolvimento de nosso espírito público.
Se uma regulamentação especifica como essa não for levada em consideração no caso de Heidegger, eu diria que um tratamento preferencial conforme as diretrizes gerais seria injusto.

Expressei minha opinião com uma concisão que dá margem a muitos equívocos. Caso você queira levar essa carta ao conhecimento de Heidegger, dou-lhe permissão para transmitir-lhe os tópicos l, 2 e 6, e, ainda, do tópico 3, o parágrafo: "Por esse motivo, espera-se ... trabalhar e escrever.".

Desculpe, por favor, a concisão e a brevidade. Preferiria ter discutido o assunto com você e então ter esclarecido melhor as coisas ao ouvir suas idéias, mas isso agora não é possível, Na carta, você falou sobre as temperaturas de inverno. Essas são com certeza consideravelmente mais baixas em Freiburg do que aqui, embora nós também estejamos sofrendo com elas. Até agora, porém, está tudo bem, enquanto não chega uma daquelas geadas. A você e sua querida esposa, as mais calorosas saudações de minha parte e de minha esposa.

Seu, Kari Jaspers.

(Tradução de Anderson Fortes de Alemeida)

CARTA DE MARTIN HEIDEÇÇER AO REITOR DA UNIVERSIDADE DE FREIBURG,
EM 4 DE NOVEMBRO DE 1945(14)

Com referência à carta do reitor de 30 de outubro de 1945, solicito ser readmitido em minhas atividades docentes (reintegração).
Lembro-lhe também que, em 8 de outubro de 1945, eu solicitei o título de professor emérito à Faculdade de Filosofia. Peco-lhe que encaminhe esse pedido às autoridades competentes.
Com relação às razões e condições da minha filiação ao Partido em 1° de maio de 1933, assim como ao meu relacionamento com o Partido entre 1933 e 1945, gostaria de fazer as seguintes observações.

I-A Reitoria (1933-1934)

Em abril de 1933, fui eleito reitor por unanimidade (com duas abstenções) em uma sessão plenária da Universidade, e não, conforme boatos, indicado pelo ministro nacional-socialista. Foi devido à pressão do meu círculo de colegas, e em especial ao insistente pedido do meu predecessor, (Wilhelm) von Mõlendorff, que aceitei ser candidato nessa eleição e assumir o cargo. Anteriormente nunca desejei ou ocupei um cargo acadêmico. Nunca pertenci a um partido político ou mantive relação pessoal ou substantiva com o NSDAP ou autoridades governamentais. Aceitei o cargo de reitor com relutância e exclusivamente no interesse da Universidade.

Entretanto, estava absolutamente convencido de que uma associação autônoma de intelectuais (der Geistigen) poderia aprofundar e transformar alguns pontos essenciais do "movimento nacional-socialista" e assim contribuir, a seu próprio modo, para superar a desorganização da Europa e a crise do espirito ocidental. Três [sic] conferências de alguém da importância de Paul Valéry ("A Crise do Espírito", "A Política do Espírito", "Nosso Bem Soberano", "O Equilíbrio da Inteligência") constituem prova suficiente da seriedade, preocupação e profundidade com que o destino do Ocidente tornou-se objeto de reflexão fora da Alemanha nesses anos. Além disso, na medida em que o desejo manifestado pela livre escolha da maioria absoluta do povo alemão confirmou o trabalho de reconstrução numa direção nacional-socialista, compreendi que era necessário e razoável integrar-me nesse trabalho, no âmbito universitário, para remediar de forma efetiva e consistente a confusão geral e a ameaça que pairavam sobre o Ocidente. E é precisamente porque no domínio das ciências e do espírito, pessoas consideradas "inaceitáveis" lutavam para afirmar seu poder e influência no "movimento", que me pareceu necessário enfatizar essencialmente horizontes e objetivos espirituais e tentar, com base na responsabilidade ocidental, ampliar sua influência e realidade. Expus minhas intenções com clareza suficiente em meu pronunciamento como reitor, "A Auto-afirmação da Universidade Alemã" (1933). Se me for permitido explicar o teor espiritual básico de uma perspectiva dual, na página 13, com referência à tarefa essencial do espírito, consta: "E o mundo espiritual de um povo não é a super-estrutura de uma cultura, nem uma afirmação de valores e conhecimentos práticos... A grandeza de um Volk é garantida exclusivamente pelo seu mundo espiritual." Para aqueles que sabem e pensam, essas frases expressam minha oposição à concepção de (Alfred) Rosenberg, segundo a qual, ao contrário, o espírito e o mundo espiritual são meramente uma "expressão" e emanação dos fatos raciais e da constituição física do homem. De acordo com o dogma da "ciência politizada", que foi então propagado pelas organizações estudantis nacional-socialistas, as ciências deveriam servir como um modelo para objetivos vocacionais, e o valor ou a falta de valor do conhecimento deveriam ser medidos de acordo com as necessidades da "vida". Em resposta, o pronunciamento diz claramente:"0 conhecimento não está a serviço da técnica, mas o inverso: a técnica efetiva e aplica este supremo e essencial conhecimento do Volk com relação ao seu completo Dasein." "A universidade" é "o locus da legislação espiritual". Todos os que forem capazes de um pensamento substantivo [sachiiche Denken} poderão julgar se a essência da universidade pode ser pensada de maneira mais elevada que aqui. E se a essência dos vários campos do conhecimento tem sido, de um ponto de vista espiritual, definida de maneira mais clara ou categórica que nesta formulação: "Os departamentos são departamentos somente se são dotados de um poder de legislação espiritual baseado em uma capacidade compatível com sua essência, a fim de que possam transformar a força do Dasein que os cerca em um mundo espiritual único do Volk."

No espírito desse pronunciamento, após o irremediavelmente desconcertante período letivo de verão da revolução (em 1933), e apesar dos muitos contratempos vividos até então, tentei manter a Universidade funcionando nos primeiros meses do período letivo do inverno de 1933-34. Estava claro para mim que agir em meio às vicissitudes da vida real não seria possível sem acordos e concessões em assuntos secundários. Mas estava igualmente convencido, especialmente depois do discurso de Hitler, pedindo pela paz, em maio de 1933, de que meu posicionamento espiritual básico e minha concepção do papel da Universidade poderiam ser reconciliados com a vontade política dos que estavam no poder.

Os esforços práticos do período de inverno falharam. Durante os poucos dias do recesso de Natal, percebi que era um erro acreditar que, a partir do posicionamento espiritual básico que resultou dos longos anos de trabalho filosófico, eu poderia influenciar imediatamente a transformação das bases - espirituais ou não - do movimento nacional-socialista. No começo de 1934, decidi abandonar minhas funções no final do período. A hostilidade crescente do ministro ao meu trabalho como reitor manifestou-se na prática pela pressão para substituir os decanos das áreas de Direito e Medicina (professores Wolf e von Mõllendorf) porque eles eram politicamente inaceitáveis. Recusei-me a aquiescer a essa exigência e entreguei minha renúncia. (Recusei-me, igualmente, a comparecer à tradicional cerimônia de posse do meu sucessor, que foi instalado no cargo à força e aclamado como o primeiro reitor nacional-socialista. Minha explicação foi que não havia nada a "transmitir", uma vez que o novo reitor fora escolhido e nomeado pelo governo.)

II - Minha filiação ao Partido
Pouco tempo depois que assumi a reitoria, o chefe distrital do partido veio, pessoalmente, acompanhado de dois funcionários encarregados de assuntos universitários, insistir para que eu me juntasse ao Partido, de acordo com a vontade do ministro. O ministro enfatizou que, dessa forma, minhas relações oficiais com o Partido e os órgãos governamentais seriam simplificadas, especialmente porque, até aquele momento, eu não havia tido nenhum contato com tais órgãos. Após longa consideração, declarei-me pronto a filiar-me ao Partido, no interesse da Universidade, mas sob a condição expressa de poder me recusar a aceitar um cargo no Partido ou trabalhar em seu nome, seja enquanto fosse reitor ou depois. Essas condições foram aceitas pelo chefe distrital do Partido, e eu aderi a eles em seguida.

III - Minha relação com o Partido após 1933 Minha filiação (ao Partido) não proporcionou praticamente nenhuma vantagem que facilitasse minhas tarefas administrativas. O pessoal da Universidade começou a desconfiar de mim. Após minha renúncia à reitoria, tornou-se claro que, ao continuar a lecionar, minha oposição aos princípios da visão de mundo nacional-socialista somente aumentaria. Havia pouca necessidade de recorrer a ataques específicos, seria suficiente expressar minhas posições filosóficas fundamentais contra o dogmatismo e primitivismo do biologismo de Rosemberg. Encontrei-me em uma situação essencialmente diversa da de outros representantes de disciplinas científicas, nas quais não havia, imediatamente ou em princípio, necessidade de formular pontos de vista metafísicos fundamentais; e foi precisamente o que eu fiz durante todo o meu tempo na sala de aula. Desde que a ideologia nacional-socialista se tornou cada vez mais inflexível e menos inclinada à interpretação puramente filosófica, o fato de que eu aluasse como filósofo foi, por si mesmo, uma expressão suficiente de oposição. Durante o primeiro semestre após minha renúncia, ministrei um curso de Lógica e, sob o título "A Doutrina do Logos", discuti a essência da linguagem. Procurei mostrar que a linguagem não era a essência biológica-racial do homem, mas, ao contrário, que a essência do homem estava calcada na linguagem como uma realidade básica do espírito. Todos os estudantes inteligentes entenderam essa palestra, assim como sua principal intenção. Ela foi igualmente compreendida pelos espiões e informantes que relataram minhas atividades a (Ernst) Drieck em Heideiberg, a (Alfred) Baumier em Berlim e a Rosemberg, diretor dos serviços científicos nacional socialistas. Posteriormente teve início uma polemica maliciosa contra minha pessoa e meu pensamento no Volk im Wèrden, uma revista editada por Krieck. Durante os doze anos da publicação, dificilmente houve um numero que não contivesse algum ponto dúbio ou infame sobre meu pensamento. Todas essas declarações da imprensa do Partido tinham o mesmo tom sempre que eu falava para organizações acadêmicas, nas minhas palestras sobre "As Origens do Trabalho Artístico", ou sobre "Os Fundamentos Metafísicos da Pintura Moderna Mundial". Nenhum membro da Universidade de Freiburg foi tão difamado nos anos 1933-34 em jornais e publicações e, ainda, no jornal da Juventude Hitierista, Vontade e Poder.

A partir de 1936, engajei-me em uma série de cursos e palestras sobre Nietzsche, que seguiram até 1945 e representaram, de maneira ainda mais clara, uma declaração de resistência espiritual. Na verdade, é injusto ligar Nietzsche ao nacional-socialismo, uma ligação que - sem mencionar o essencial - ignora sua hostilidade ao anti-semitismo e sua atitude favorável à Rússia. Mas, num plano mais elevado, a discussão da metafísica de Nietzsche é uma discussão do niilismo à medida que ele se manifesta com clareza crescente sob a forma política do fascismo.
Os funcionários do Partido também observaram a resistência espiritual dos meus cursos sobre Nietzsche, o que resultou nas medidas que se seguem.

Em 1934, fui excluído, por determinação de Rosenberg, da delegação alemã no Congresso Internacional de Filosofia. Também fui excluído, em 1937, da delegação alemã na Conferência de Descartes, em Paris, que também foi uma conferência filosófica internacional (apesar de os franceses terem pedido expressamente, por duas vezes, que eu comparecesse). A reedição do meu trabalho, "Kant e o Problema da Metafísica", publicado originalmente em 1929 e esgotado desde 1931, o qual continha uma refutação à antropologia filosófica, foi censurada por instância do mesmo departamento. A partir de 1938, ninguém mais podia citar meu nome nem criticar meus trabalhos devido a instruções secretas dadas aos editores de periódicos. Cito uma dessas orientações, de 1940, que me foi revelada confidencialmente por amigos: Z.D. 165/34. Edição n° 7154

"O ensaio de Martin Heiddeger, "A Concepção Platônica da Verdade", a ser publicado brevemente pelo jornal de Berlim, Jahrbuch für geistige Überlieferung, editado por Heimut Küper, não deve ser citado ou criticado.
A participação de Heiddeger nesse número do jornal, que em outra situação poderia ser comentada, não deve ser mencionada."
A publicação desse ensaio, que foi aceito pelo editor para uma edição especial a ser vendida em livrarias, foi proibida. O mesmo aconteceu com minha contribuição para um volume em homenagem a Holderlin, que teve que ser publicado em uma edição avulsa.

Enquanto meu nome e meus artigos eram ignorados na Alemanha, onde me foi impossível publicar trabalhos individuais - em 1943 três pequenas conferências foram publicadas clandestinamente, sem nunca serem citadas em nenhuma bibliografia -, durante a guerra fui convidado muitas vezes, com fins propagandísticos, a dar palestras na Espanha, Portugal e Itália. Recusei formalmente esses estranhos convites, fazendo saber que eu não estava disposto a emprestar meu nome para propaganda no exterior, uma vez que não me era permitido publicar artigos no meu próprio país.

O Instituto Alemão de Paris utilizou os mesmos métodos do Ministério de Assuntos Exteriores. Numa coleção intitulada Friedrich Holderlin, publicada em 1943 em Paris, reproduziu meu ensaio "Holderlin e a Essência da Poesia", que foi publicado em 1936 e traduzido para o francês em 1938, na mesma versão, sem meu conhecimento e sem a permissão do tradutor francês. Essa publicação arbitrária aconteceu apesar de eu já haver recusado a oferta para participar de uma coletânea publicada pela mesma instituição.

Também manifestei publicamente minha posição diante do Partido não participando de reuniões, não usando seu emblema e, em 1934, recusando-me a começar meus cursos e palestras com a dita saudação alemã (Heil Hitler). Não houve nada especial em minha resistência espiritual nos últimos onze anos. No entanto, se os ataques cruéis continuarem a sustentar que grande número de estudantes foram "atraídos" para o "nacional-socialismo" pela minha atuação de um ano como reitor, a justiça exige que ao menos se reconheça que, entre 1934 e 1944, milhares de estudantes foram treinados para refletir sobre a base metafísica de nosso tempo e que eu abri seus olhos para o mundo do espírito e sua grande tradição na história do Ocidente.

Martin Heiddeger(tradução de Fabíola Farage)